

MULHERES, DISCURSO E SOCIEDADE: UMA ANÁLISE SOBRE A REPRESENTAÇÃO DAS MULHERES NA MÍDIA IMPRESSA

WOMEN, DISCOURSE AND SOCIETY: AN ANALYSIS ON THE REPRESENTATION OF WOMEN IN PRINT MEDIA

MUJERES, DISCURSO Y SOCIEDAD: UN ANÁLISIS SOBRE LA REPRESENTACIÓN DE LAS MUJERES EN LOS MEDIOS IMPRESOS

Camila de Freitas Carneiro da Silva¹

Resumo: Este artigo analisa a representação da ex-presidente Dilma Rousseff em capas de três revistas brasileiras políticas de grande circulação - *Veja*, *Carta Capital* e *IstoÉ* (de 2014 a 2016) – utilizando, para isso, a análise do discurso e imagens, e recorrendo a autores das Ciências Sociais, Política e Humanas. Esse tema abre um leque de possibilidades e reflexões sobre como as mulheres são representadas na sociedade e na mídia, o que é essencial para pensarmos o modelo de sociedade em que vivemos e suas possíveis rupturas ou transformações.

Palavras-chave: Mulheres; Sociedade; Mídia; Discurso; Imagem.

Abstract: This article analyzes the representation of former President Dilma Rousseff on the covers of three Brazilian political magazines of great circulation - *Veja*, *Carta Capital* and *IstoÉ* (from 2014 to 2016) - using, for this, the analysis of the discourse and images and using authors of the Social, Political and Human Sciences. This theme opens a range of possibilities and reflections on how women are represented in society and in the media, which is essential for us to think about the model of society in which we live and its possible ruptures or transformations.

Keywords: Women; Society; Media; Speech; Image.

Resumen: Este artículo analiza la representación de la ex presidenta Dilma Rousseff en las portadas de tres revistas políticas brasileñas de gran circulación - *Veja*, *Carta Capital* e *IstoÉ* (de 2014 a 2016) - utilizando, para ello, el análisis del discurso y las imágenes y utilizando autores de las Ciencias Sociales, Políticas y Humanas. Este tema abre un abanico de posibilidades y reflexiones sobre cómo se representan las mujeres en la sociedad y en los medios de comunicación, lo cual es fundamental para que pensemos en el modelo de sociedad en el que vivimos y sus posibles rupturas o transformaciones.

Palabras clave: Mujeres; Sociedad; Medios de Comunicación; Discurso; Imagen.

¹ Licenciada em Ciências Sociais pela Universidade Federal Fluminense (UFF), em Campos dos Goytacazes-RJ. Atualmente cursa Bacharelado na mesma instituição.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem o objetivo de analisar a representação das mulheres na política na mídia impressa. O objeto de análise são as capas das revistas de política: *Veja*, *Carta Capital* e *IstoÉ*, no período de 2014 a 2016. Os critérios de escolha tiveram como base a diferença nos direcionamentos políticos desses impressos. Outro critério foi a amplitude da circulação no Brasil, tendo em vista que, quanto maior acesso, maior influência pode haver sobre a opinião pública. Partindo da observação de que a mídia impressa publicou imagens polêmicas em relação à ex-presidente Dilma Rousseff, meu objetivo aqui é pensar as disputas por espaço de grupos sociais e classes sexuais, principalmente na política e no discurso. As questões que norteiam este trabalho são: como entender os estereótipos construídos sobre o papel da mulher e seu lugar na política? Quais ferramentas discursivas a mídia impressa utiliza para tratar de mulheres no âmbito político? Como a mulher pode buscar entender e se apropriar do discurso sobre si mesma e que permeia todos os campos políticos e de decisão?

Utilizarei autores e autoras da análise do discurso como Mikhail Bakhtin (1988, 2006), Norman Fairclough (*apud* BATISTA JÚNIOR *et. al.*, 2018), Michel Pêcheux por Eni Puccinelli Orlandi (2002) e Ferdinand de Saussure (2007). Para refletir sobre a temática de gênero, recorrerei a sociólogos como Pierre Bourdieu, em suas obras *A Dominação Masculina* (2012), *A Distinção* (2007) e *A Reprodução* (1992), além de estudiosas da área de gênero como: Silvia Federici (2017), Simone de Beauvoir (1970), Angela Davis (2016) e Gerda Lerner (2019). A questão de gênero, principalmente a representação da construção do imaginário social acerca do que se propõe à imagem e papéis sociais das mulheres é um tema muito debatido e diferentes visões e narrativas entram em disputa nos múltiplos canais de informação. A produção de sentidos e posicionamento político na mídia impressa brasileira faz parte de uma disputa ideológica e, assim, determina-se a importância de trazer essas diferentes perspectivas políticas para apontar as semelhanças e diferenças entre elas, no que diz respeito, em mais larga medida, à imagem de mulheres em determinada categoria da mídia brasileira, no caso, em revistas de informação gerais de grande circulação.

UMA ANÁLISE TEÓRICA SOBRE A REPRESENTAÇÃO DAS MULHERES NA SOCIEDADE

Este artigo propõe analisar as produções de sentidos propostos em relação à imagem da mulher na sociedade e na política, seus atravessamentos, origens, contextos, consequências, intenções e soluções. As ciências humanas propõem desmistificar as problemáticas sociais

através da análise material e científica das estruturas sociais, o que indica, o que se vê, o que se analisa, o que se encerra, o que se mantém, suas ramificações e alicerces que estruturam tanto o pensamento social quanto o discurso e as decisões políticas na sociedade.

Pierre Bourdieu, em *A Distinção* (2007), faz uma crítica social sobre como os gostos dos indivíduos são moldados através de capitais culturais (bagagens sociais) trazidas pelas heranças familiares. Essa distinção vai decidir onde cada classe deve se inserir a partir de raça, etnia, classe social, cultura e sexo, considerando inclusive seus ambientes de inserção na esfera do trabalho para manter o *status* vigente. Em outra obra, intitulada *A Reprodução* (1992), o autor analisa a realidade do ensino francês, que compreende as desigualdades sociais presentes no processo de ensino e aprendizagem através do capital cultural (somado a outros) e da violência simbólica (violência velada), incorporados através do *habitus* (comportamentos apreendidos a partir de determinado grupo social). Em *A Dominação Masculina* (2012), o autor estuda a sociedade cabila, na Argélia, e procura desmitificar a ideia de naturalização do biológico e da biologização do social para justificar a distinção entre os sexos, feminino e masculino. Explica que foi uma dominação fácil de ser consolidada no mundo, pois dispensava explicações, já que existia o biológico ali para servir de “prova” e incorporar *habitus* distintos entre os sexos.

Isso fez com que se vissem a submissão e opressão do sexo feminino como algo natural. A sociedade cabila era androcêntrica, um sistema milenar em que o sexo masculino é o centro de tudo e paradigma da representação coletiva, sinônimo de *patriarcado*, que vem do grego *pater* (pai) + *arkhé* (poder), e significa supremacia social do homem sobre a mulher, visão masculina como natural e universal. A aderência a esse modelo acontece através de uma violência simbólica que se utiliza do biológico para dividir os papéis sociais e sexuais entre homens e mulheres, fazendo com que mulheres e homens incorporem *habitus* diferentes: *habitus masculino* e *habitus feminino*.

Tais ações, no campo social, fizeram com que a esfera cognitiva dos indivíduos incorporasse um arcabouço de limitações para as mulheres. Por milênios, isso trouxe para o coletivo a ideia de que homens são mais fortes e capazes que as mulheres. Simone de Beauvoir (1970) explica que a mulher era vista como o “outro” do homem, assim como nas oposições patrícios e plebeus, judeus e antissemitas, brancos e negros, colonos e indígenas, proprietários e proletários. Nesses grupos sociais, também era visto, a exemplo de que a mulher negra seria “o outro” do homem negro, mulher branca “o outro” do homem branco. A mulher é a esposa, mulher “de alguém”, pois como Beauvoir (1970) afirma, a mulher é vista como o outro, o ser

ausente do homem em todas as raças e classes sociais. Ela explica também que na luta de classes, os grupos oprimidos transformaram os opressores no “outro”, pois se reconhecem enquanto classe, lutam e dizem “nós”, já as mulheres seria o grupo social oprimido, a classe oprimida que em raras exceções dizem “nós”, que não se reconhece enquanto classe e como um coletivo oprimido, que não coloca o homem como o outro em sua luta. Nesse momento, a autora explicita como as mulheres têm dificuldade de se reconhecer enquanto classe sexual, enquanto grupo social que necessita de união para atravessar os sistemas de opressão, diferente de outros grupos oprimidos que sabem nomear quem os oprime,

O homem representa a um tempo o positivo e o neutro, a ponto de dizermos "os homens" para designar os seres humanos, tendo-se assimilado ao sentido singular do vocábulo vir o sentido geral da palavra homo. A mulher aparece como o negativo, de modo que toda determinação lhe é imputada como limitação, sem reciprocidade. Agastou-me, por vezes, no curso de conversações abstratas, ouvir os homens dizerem-se: "Você pensa assim porque é uma mulher" (BEAUVOIR, 1970, p. 09).

Pode-se observar que, com base no sexo biológico, o homem, o falo, sempre foi utilizado como referência para se estudar e falar sobre os seres humanos, termo que abarca todos os seres da sociedade com base na palavra “Homem”, que é o centro, e a mulher, o resto, o outro. Então, não se levaria em consideração suas vontades, seus desejos, seus pensamentos, sua agência e sua classe, “porque é uma mulher”, um ser não-homem, não-masculino.

Silvia Federici (2017), em sua obra *Calibã e a Bruxa*, mostra como a Igreja Católica colocava Deus como a figura masculina e o Diabo na figura feminina. Durante a Santa Inquisição, entre os séculos XII e XIII, as mulheres que não construíam o *habitus* de ser dócil, obediente, no sentido doméstico e sexual, e não se contentavam em estar no âmbito privado eram tidas como bruxas, torturadas e queimadas.

A distinção e reprodução dos capitais não promove distinção somente entre as classes econômicas, mas primordialmente entre os sexos através do *habitus* masculino e feminino, fazendo com que o gosto da mulher seja socialmente construído para ser inferior e limitado. A mulher, por causa desses mecanismos sociais, perde seu direito à *polis*, à cidade e à política. Inclusive, durante séculos, a história das mulheres não foi contada, pois as pensadoras eram coagidas, apagadas, caçadas, ou se escondiam atrás de pseudônimos masculinos para serem respeitadas enquanto pensadoras, eram ignoradas e omitidas pelo pensamento patriarcal afetando a psicologia das mulheres e dos homens, fazendo com que elas ficassem em detrimento deles,

Desde o início da escravidão, homens escravos eram explorados para o trabalho. Já as mulheres escravas eram exploradas para o trabalho, para serviços sexuais e para reprodução. É muito interessante a ideia defendida por Lerner de que homens “treinaram” para escravizar outros povos começando com suas mulheres (ARONOVICH, 2019, p. 25).

O sistema escravista que mantinha negros como seres sem alma é o mesmo que mantém a mulher como incapaz de estar nos mesmos espaços que o homem. A luta da mulher na sociedade é uma eterna busca por identidade individual e coletiva, pois a construção e reconhecimento de um grupo social enquanto classe se torna ferramenta necessária de empoderamento e luta: “a questão é que homens e mulheres sofreram exclusão e discriminação por razões de classe. Mas nenhum homem foi excluído do registro histórico por causa de seu sexo, embora todas as mulheres o tenha sido”, como diz Lerner (2019, p. 29). A autora explica que os homens utilizaram as mulheres para treinar a escravização de outros povos; ora eram escravas domésticas, ora eram exploradas e escravizadas sexualmente.

O sistema patriarcal afetou a forma psicológica com a qual homens e mulheres se enxergam no mundo pelas construções sociais cognitivas. As esferas políticas como esferas de decisão sobre esses mesmos corpos, sobre o que permeia a vida e a sociedade, utiliza o discurso como ferramenta de reprodução e distinção viva de estereótipos sociais sobre a mulher nas sociedades de classes sexuais.

Para fazer a análise aqui proposta, é preciso entender primeiro como o discurso funciona e como é utilizado quando se trata de figuras políticas femininas, quando se trata de mulheres.

UMA ANÁLISE SOBRE OS ASPECTOS DO DISCURSO E SUAS PROPRIEDADES

Quando ouvimos ou lemos a palavra “discurso” pensamos logo em alguém falando em um palanque, ou homenageando alguém como paraninfo de uma turma, ou alguma coisa que envolva um locutor e um interlocutor. Esse pensamento não está errado, afinal, toda oratória precisa de locutor e um interlocutor para se transformar em discurso, mas o que há entre o locutor e o interlocutor e quais as competências necessárias para que se transforme em discurso? O que envolve o discurso? O que é o discurso? Para responder essa questão, precisamos compreender a relação dialética das relações sociais, e como a oratória sempre foi chave fundamental para qualquer estudo das Ciências Humanas.

O discurso, a língua e a relação que se dá entre esses dois pontos, possuem caminhos diversos e estão inseridos em muitos campos do conhecimento. Para alcançar melhor essa questão, trarei autoras e autores importantes que estudaram a história da língua e seus processos

orais através da análise do discurso e suas competências gramaticais, humanas, psicológicas, políticas e sociais através da Análise do Discurso e Análise do Discurso Crítica.

Mikhail Bakhtin (2006), nos estudos da Análise do Discurso, encontrou no estudo saussuriano uma falha no sistema língua-fala, pois não considerava o contexto social da língua e suas bagagens sociais, não levava em conta a relação entre locutor e interlocutor (destinatário do texto-fala). Bakhtin (2006) acreditava que os textos, através de contextos sociais e históricos, permitiam respostas; já os enunciados num discurso, possuíam acabamento, ou seja, as ideias presentes neles acabam ali. Considerava que o sistema linguístico possuía influência da psique dos atores sociais. Considerava que a classe dominante transformava o discurso em algo monovalente, ou seja, sem questionamento e, por isso, havia uma falsa neutralidade no discurso, transformando-o em um sistema paralisador, sem crítica. O sujeito aparece como um ser assujeitado pelo discurso, submisso ao discurso. A palavra é neutra e depende da ideologia para fazer sentido.

Em sua obra *O Dialogismo* (1988 *apud* FIORIN, 2011), o autor trabalha a intertextualidade que é a relação dialética entre discurso, enunciados e atores sociais, em que se faz necessário o interdiscurso (a memória). Exemplos: *É mulher!* - pode possuir significados positivos ou negativos, dependendo do contexto, porém - *Ela é desequilibrada!* - opõe-se aos discursos feministas e estudos da história das mulheres que dizem que a atribuição da loucura e desequilíbrio ao sexo feminino é um discurso misógino. Nesse caso, os enunciados são heterogêneos (classes de interesses distintos, no caso, a masculina e a feminina).

Já Michel Pêcheux (*apud* ORLANDI, 2002), em seus estudos sobre Análise do Discurso, entendia o sujeito como assujeitado, e se fazia presente no discurso, ou seja, não existe sujeito e discurso sem ideologia. Para este autor, não há neutralidade no uso cotidiano dos signos e das palavras, existe um caráter homogêneo do discurso, as relações discursivas carecem de especialistas que delegam poderes interpretativos às classes dominantes. A palavra não é vista como neutra, pois ela produz sentidos. O inconsciente trabalharia com o psiquismo (psicanálise) para deslocar o homem para o sujeito “autônomo” pela memória (interdiscurso) e dar uma ideia de que o sujeito é autônomo em sua fala, mas sujeito não controla a fala. A “liberdade em ato” do discurso é uma ilusão, as palavras não são nossas, o sujeito é interpelado e assujeitado pelo discurso homogêneo dominante. As memórias discursivas (interdiscurso), através de condições de produções e formações discursivas, coloca formulações feitas e inculcadas como “autônomas” pelo esquecimento, que pode ser tanto pelo 1) *ideológico*: ideologia *dominante*, quanto pela ordem da 2) *enunciação*: o já dito e esquecido pela mente.

Não há transparência. O sujeito está assujeitado no discurso de acordo com sua posição sociologicamente inscrita. O assujeitamento faz o sujeito se zumbir ao estabelecido.

Por último, Norman Fairclough (*apud* BATISTA JÚNIOR *et. al.*, 2018) inseriu nos estudos da Análise do Discurso a ADC (Análise do Discurso Crítica), que leva em conta as estruturas sociais dos sujeitos. Para Fairclough, o sujeito não é visto como apenas assujeitado, mas também como agente transformador. O texto é estudado como ferramenta de poder dos grupos ideológicos e da classe dominante na formação do discurso. Nisso desenvolve os conceitos de *discurso*, *ideologia*, *poder* e *hegemonia* para exemplificar esses esquemas de dominação discursiva. Esse autor utiliza um outro, Jan Blommaert (2005 *apud* BATISTA JÚNIOR *et. al.*, 2018), para mostrar que as desigualdades sociais e/ou sexuais são causadas pelas desigualdades linguísticas controladas pelos grupos e classes dominantes através da 1) *Legitimação*: quando se legitima o discurso; 2) *Dissimulação*: onde se manipula o discurso; 3) *Unificação*: quando torna o discurso dominante como algo homogêneo e natural; 4) *Fragmentação*: fragmenta, ou seja, causa rivalidade entre os grupos de resistência para minar qualquer tentativa de ruptura radical com os sistemas de opressão, no caso deste trabalho, as mulheres e 5) *Reificação*: momento em que acontece a consolidação do processo de dominação.

É crucial estudarmos o discurso para entender os processos históricos atuais em suas relações midiáticas, econômicas, culturais, religiosas, comportamentais e sociais. Os analistas da América Latina analisam atualmente, por exemplo, os discursos dos movimentos sociais, dos menos favorecidos, dos desaparecidos políticos, das mulheres, dos homens, dos brancos, dos negros. A natureza, os métodos, as metas, os questionamentos e as intenções da Análise do Discurso Crítica são criativamente transformadas ao modo em que os estudiosos analistas do discurso vão estabelecendo, a partir das observações históricas e materiais, as próprias agendas.

ANALISANDO O DISCURSO SOBRE A REPRESENTAÇÃO DAS MULHERES NA MÍDIA IMPRESSA: REVISTAS VEJA, CARTA CAPITAL E ISTOÉ

Na seção anterior, discorri sobre como a linguagem foi estabelecida e estudada através de normas gramaticais e significações e que, posteriormente, autores indicaram que as transformações linguísticas derivaram de contextos históricos, políticos e sociais através da oralidade e da ação da fala. A oralidade e a ação da fala foram moldadas através de processos constitutivos institucionalizados que perpassam não apenas categorias sociais, mas também psicológicas dos seres humanos, ou seja, influencia não apenas as relações sociais, mas como também os processos mentais, cognitivos e comportamentais. Essa psicologia, em aliança com

os processos políticos e históricos, transformaram a língua e a gramática em objetos linguísticos estruturantes da sociedade e que moldam o imaginário social e, esses objetos, são o que chamamos de discurso.

Como demonstrei anteriormente, o discurso é ideológico e encontra na sociedade formas de se manter como hegemônico. A partir desse pressuposto, teve início a análise dos sentidos propostos em relação ao discurso e imagem das mulheres na mídia impressa. Para isso, demonstrarei como as revistas *Veja*, *Carta Capital* e *IstoÉ* retratam as mulheres na política. Tais revistas foram escolhidas por possuírem diferentes espectros políticos e abordagens discursivas e serem as de maior circulação no Brasil, o que influencia o imaginário social e a opinião pública e coletiva. A questão de gênero, principalmente a representação do sexo feminino, das mulheres, disputam narrativas nos múltiplos veículos de informação. A produção de sentidos na mídia impressa apresenta caráter ideológico, por isso se torna importante refletir sobre como os discursos e sentidos produzem estereótipos sobre as pessoas do sexo feminino, as mulheres.

As seleções das capas para análise aconteceram em 4 etapas, nas quais, de todas as edições no período de 2014 a 2016, selecionei um total de 17 capas, pois possuíam características que ligavam estereótipos à imagem da ex-presidente Dilma Rousseff. Dessas 17 capas, recortei 06 (02 capas da *Veja* de 2014, 01 capa da *Carta Capital* de 2014, 01 capa da *IstoÉ* de 2014 e 02 capas da *IstoÉ* de 2016) para o presente artigo. O critério de recorte foi motivado por acionarem mais estereótipos em relação às mulheres, como o descontrole emocional, o apego a itens de consumo, a sexualização da figura feminina, além de padrões estéticos tradicionais:

Imagem 01 – Capa de *Veja*



Fonte: Reprodução de *Veja* - 02/04/2014

Imagem 02 – Capa de *IstoÉ*

Fonte: Reprodução de *IstoÉ* - 06/04/2016

As imagens selecionadas acima possuem discursos que se combinam na conjuntura em que se apresentam. A mídia possui narrativas que estruturam e moldam o imaginário a partir da escolha de palavras e imagens. Pensando nisso, analisarei dois grupos da sociedade que disputam essa narrativa, machos e fêmeas, homens e mulheres que, em suas socializações, incorporam *habitus* distintos na forma em que se apresentam e se enxergam no mundo.

Pensando na seguinte frase: “POR QUE QUANDO DILMA CAI A BOLSA SOBE”? e na imagem da gangorra e dos gráficos (Imagem 1), existe uma dualidade em evidência, a de que a gangorra representa dois polos - dois lados em oposição discursiva: um lado anula o outro, ambos não podem ter sintonia, não podem caminhar juntos. A mulher representada na imagem é a ex-presidente Dilma, a primeira mulher, pessoa do sexo feminino, a ser eleita no Brasil. Formada em economia, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, depois de ter sido de outra instituição, em pleno AI-5, na Ditadura Militar, aparece nessa gangorra, na qual, de um lado, está sua imagem abaixo e em oposição aos gráficos, que indicam a bolsa de valores subindo. Esse antagonismo, possui um aspecto curioso, a presidente formada em economia é vista num lado oposto como a pessoa que não entende da própria área à qual dedicou anos de graduação. A posição dela abaixada como se possuísse um peso superior ao dos gráficos também nos coloca num imaginário onde a estética de uma figura feminina acima do peso ganhasse um revanchismo sátiro sobre a exigência de um padrão estético em relação a esta. A gangorra remete formações imaginárias que infantilizam a imagem, dando um caráter imaturo e de falta de experiência e competência na sua própria área de estudo e conhecimento.

As imagens acima, possuem interlocuções imaginárias dos sentidos discursivos e das condições de produção, as figuras possuem relação de simetria entre si. Na imagem seguinte, destacamos a expressão “AS EXPLOSÕES NERVOSAS” - que significa arrebatamento súbito, violenta e ruidosa, que sofre de raiva “doença”; cólera (Imagem 2). Essa ação de manipular a imagem da mulher perante si e perante outros com imagens exageradas, sensacionalistas e caricatas se tornou conhecida na ciência como *gaslight*, conceito que tem origem no filme “Gas Light”, ou em português “À Meia Luz” de 1944; uma peça de teatro de 1938, na qual o marido manipula a imagem de sua esposa perante os outros, convencendo-os de que ela é louca, alterando objetos e mudando coisas de lugares, insistindo que ela está desmemoriada ou perdendo a sanidade mental. O título faz referência às lâmpadas a gás que piscam, e o marido insiste que a personagem está delirando. No início da trama, o rapaz se apresenta de forma encantadora, mas faz aos poucos a esposa duvidar da própria sanidade mental para roubar joias que estão escondidas na casa dela.

As imagens acima representam um clássico desta técnica de distorção e manipulação da imagem que coloca a mulher, o sexo feminino, as fêmeas, como furiosa e raivosa. As imagens acima são clássicas, nas quais a Dilma aparece como descontrolada com dentes e lábios exagerados, essa manobra de *gaslighting*. Isso é instaurado nas formações imaginárias, nas formações discursivas, interpelado pelos enunciados, na materialidade da história. Essa violência é social, simbólica e psicológica, sempre associando às condições psicológicas das mulheres, ao seu desempenho profissional, intelectual e político, como se houvesse alguma ausência de racionalidade. Beauvoir (1970, p. 15-16) afirmava que “tudo o que os homens escreveram sobre as mulheres deve ser suspeito”. A luta de classes sexuais sempre foi vista na história pelo imaginário coletivo dos homens, como algo a ser evitado.

Imagem 03 – Capa de *Veja*

Fonte: Reprodução de *Veja* - 31/12/2014

Imagem 04 – Capa de *Carta Capital*

Fonte: Reprodução de *Carta Capital* - 04/02/2014

A imagem 3 contém um enquadramento de 3 cores: azul, verde e vermelho. Na parte azul, a imagem do Aécio Neves escrito “RACIONALIDADE”, em letras medianas, com a seguinte frase dita por ele: “Eu sei fazer sonho virar realidade”; na parte verde, a imagem de Marina Silva traz escrito “EMOÇÃO”, em letras medianas, com a seguinte frase dita por ela: “Não é um discurso. É uma vida!”, e na parte vermelha, a imagem da Dilma Rousseff traz escrito “PODER”, em letras medianas, com a seguinte frase dita pela mesma: “O que está bom vai continuar; o que não, vai mudar”. Existe uma distinção muito grande nas cores e palavras associadas ao homem e nas cores e palavras associadas às mulheres: para o primeiro é utilizado a cor azul, que segundo estudiosos das cores, simboliza frieza, calma, segurança e

profissionalismo, e, para ela, é colocada a vermelha, que assim como o rosa, é tradicionalmente associada às mulheres, pois são associadas à paixão, felicidade e emoção.

Esse imaginário instaura, no discurso, uma distinção de *habitus* e disputa as narrativas entre as classes sexuais associando o homem à frieza e a mulher à emoção. Afasta as mulheres do simbólico da racionalidade e profissionalidade e as palavras em letras medianas confirmam, o homem, azul, frio, profissional, com RACIONALIDADE, as mulheres, quentes, emotivas, passionais, com EMOÇÃO e PODER. Ou seja, o homem é racional e as mulheres são ou emotivas ou autoritárias, raivosas.

Na outra imagem, aparece um plano de fundo preto com a imagem de um sapato de salto alto vermelho de camurça com o salto quebrado, em letras maiores brancas, está escrito “OS PERCALÇOS DE DILMA” e, em letras menores, “Além do golpismo insuflado pela oposição, a presidenta enfrenta perigosas fraturas internas”. Existe uma associação automática nas formações imaginárias da figura feminina à utilização do salto, um objeto comumente associado às mulheres de forma a lembrar seu local, ora limitada e incomodada, ora sexualizada, remetendo a uma feminilidade frívola e pueril construída na imagem da mulher, que está sempre em erro, cometendo “percalços”. O salto objeto é comumente utilizado e imposto à mulher como uma forma de limitar e impedir que elas acessem espaços públicos e construídos no imaginário como “masculinos”, como afirma Bourdieu, “os saltos altos ou a bolsa que ocupa permanentemente as mãos, e sobretudo a saia que impede ou desencoraja alguns tipos de atividades - a corrida, algumas formas de se sentar etc.” (BOURDIEU, 2012, p. 39-40).

Na imagem abaixo, de 2014, Dilma aparece com Lula como se este estivesse soprando e falando algo em seu ouvido, junto à frase: “UMA CAMPANHA MONTADA NA MENTIRA”; em letras menores: “como o time da candidata Dilma Rousseff disseminou o medo no país e escondeu a crise econômica para tentar levar a eleição e permanecer no poder”. A sexualização da figura da mulher na sociedade, possui um caráter de inferiorização da mesma, vimos anteriormente que os mecanismos discursivos de distinção se presentificam na capa visual, ao que é atribuído à feminilidade. Ora limitada e sexualizada, ora desastrada e fraturada.

Imagem 05 – Capa de *IstoÉ*

Fonte: Reprodução de *IstoÉ* - 29/10/2014

Imagem 06 – Capa de *IstoÉ*

Fonte: Reprodução de *IstoÉ* - 30/03/2016

Essas atribuições possuem um caráter dialógico no discurso, os interdiscursos possuem função de estabilizar e cristalizar a imagem permissiva e diabada (salto vermelho de camurça) da noção de feminino, ao mesmo tempo em que diz e instaura a necessidade do discurso masculino nos processos de imagem do feminino. “MONTADA NA MENTIRA”: mais uma vez se duvida do conhecimento em área econômica da ex-presidente, onde possui graduação. As palavras escolhidas dão conotação sexual num movimento de trazer para o interdiscurso que existe uma relação de autoridade e favorecimento ali. A palavra montada insinua uma conotação sexual e uma relação de dependência, a figura feminina vista como manipulável e a masculina como controladora das ações da figura feminina e ao mesmo tempo maternaliza e culpa a

mulher das ações do homem. Além das formações imaginárias dos processos de assujeitamento, a palavra “Montada” - ato de montar, mesmo que montaria, elevação que se dá às cambas do freio para o cavalo, cavalgadura montada - sugere uma sexualização e animalização da imagem.

A última imagem deste bloco confirma a dissimulação e intenção dos veículos de mídia perante a imagem da mulher na sociedade, a frase “OS 7 CRIMES DE DILMA”, significa os sete “atos de transgressão imputável da lei penal por dolo ou culpa, ação ou omissão; delito, ação típica e antijurídica, culpável e punível” da Dilma. A palavra transgressão possui vários sinônimos e é considerada como conduta desviante que os indivíduos possam ter. No campo religioso, as transgressões são comuns. Durante a inquisição (séc. XV ao XVIII), a Igreja Católica tentou convencer a sociedade de que as mulheres eram uma ameaça para salvação da humanidade, principalmente dos homens. A mulher sempre vista como a pecadora, os 7 pecados da Dilma, que é uma figura pública do sexo feminino na política, espaço destinado ao sexo masculino, os homens. Isso acaba por dissimular, assimilar, inculcar, aceitar e reificar cada vez mais que o espaço das mulheres não é na política e em espaços públicos de poder e decisão sempre associando discursos, imagens e objetos sexistas ao sexo feminino, às mulheres. E nisso cada vez mais são apagadas da história, afinal, como bem explica Virgínia Woolf (1975), pela maior parte da História, ‘anônimo’ foi uma mulher.

A história nunca contou a história das mulheres pela ótica das mulheres, sempre foram colocadas no anonimato dentro dos contextos políticos e sociais, sendo relegadas pela história da sociedade ao esquecimento de si e de sua história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As revistas retratam as mulheres de forma a produzir sentidos que estereotipam o sexo feminino no imaginário social. Tais sentidos são trazidos através de um jogo de imagens e palavras que colocam o sexo feminino como algo a ser evitado, ora as mulheres são retratadas como histéricas, loucas, indecisas, ora são ridicularizadas, sexualizadas e acusadas de transgressão, trazendo sempre a noção de desequilíbrio ético, moral ou mental. Tal ação possui um caráter basilar no discurso, o de reproduzir as estruturas sociais de poder das classes que as detém, no caso, a classe masculina.

Essa reprodução é feita através do inculcamento de ideias sexistas de distinção entre os sexos no inconsciente coletivo, de onde os sujeitos acionam lugares imperceptíveis à consciência, mas que são trabalhados de forma consciente pelas esferas estruturantes de poder. Os discursos impressos possuem caráter ideológico que a todo custo tenta e consegue difundir

ideias hegemônicas de distinção entre os sexos, que seleciona quem pode ou não pode, quem manda ou não manda, quem possui capacidade de ocupar um cargo e quem não possui, as negativas discursivas são constantemente imprimidas pelas enunciações em relação às mulheres.

Há uma falsa neutralidade no discurso desses veículos que pendula entre parcialidade e imparcialidade no discurso, mas é sabido que não, pois o discurso insere nos sujeitos ideias inacabadas e uma falsa liberdade de movimento, pois os sujeitos acabam por se zumbir diante do discurso ideológico, o que faz refletir a estrutura patriarcal de sociedade, pois as desigualdades sociais presentes no discurso reforçam as distinções de tratamento dos veículos midiáticos perante figuras públicas masculinas e femininas, visto que tais aparelhos midiáticos são controlados pelos grupos dominantes ideológicos e hegemônicos presentes na sociedade, onde há milênios se inscreve o patriarcado.

Tais arquiteturas promovem estereótipos sexistas e misóginos originados em estruturas patriarcais causando temor e ausência de pertencimento, fazendo repelir as mulheres dos espaços de poderes públicos e políticos, reduzindo, assim, a categoria do sexo feminino na história e a categoria ativa das mulheres da política. Pode-se perceber que quando as mulheres ganham reconhecimento midiático, são alvos de discursos negativos, que acontece com todos, mas quando o discurso é sobre mulheres, carrega um caráter maior de descrédito, dúvida, com adjetivos misóginos e sexistas. Assim se move o discurso na mídia impressa, com seu jogo ideológico, como no jogo de xadrez, onde a classe dominante e majoritariamente masculina já sabe quais serão as jogadas e já entenderam muitas das possibilidades de jogo das oponentes - as mulheres -, reproduzindo as mesmas jogadas no imaginário social e coletivo.

REFERÊNCIAS

ARONOVICH, Lola. Prefácio. In.: LERNER, Gerda. **A Criação do Patriarcado**: história da opressão das mulheres pelos homens. 1. ed. São Paulo: Cultrix Editora, 2019.

BAKHTIN, Mikhail; VOLOSHINOV, Valentin Nikoláievitch. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem. São Paulo: Hucitec, 2006.

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo**. 4 ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

BOURDIEU, Pierre. **A Distinção**: crítica social do julgamento do gosto. Porto Alegre: Editora Zouk, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A Reprodução**. 3 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2016.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. São Paulo: Editora Elefante, 2017.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de M. Bakhtin**. 1 ed. São Paulo: Ática, 2011.

BATISTA JÚNIOR, Ribamar Lopes; MELO, Iran Ferreira; SATO, Denise Tamaê Borges. **Análise de Discurso Crítica para Linguistas e não Linguistas**. São Paulo: Parábola, 2018.

LERNER, Gerda. **A Criação do Patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens**. 1. ed. São Paulo: Cultrix Editora, 2019.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Michel Pêcheux: análise de discurso princípios e procedimentos**. São Paulo: Pontes, 2002.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de linguística geral**. 34 ed. São Paulo: Editora Pensamento Cultrix - LTDA, 2007.

WOOLF, Virginia. **A Room of One's Own**. Paris: Penguin, 1975.